

A
MULTI
E
INTERCULTURALIDADE
EM
ORANGE IS THE NEW BLACK

Índice

Introdução.....	3
Orange is the New Black	4
Resumo	4
Personagens.....	4
A Cultura na Prisão.....	5
Os Sistemas de Significados Prisionais.....	7
As Identidades.....	8
A Identidade Pessoal no Contexto Social	8
As Identidades Coletivas e as Suas Representações Culturais	10
A Construção Social de Identidade	11
A Multi e a Interculturalidade.....	14
Conclusão	14
Bibliografia	15

Introdução

Este presente trabalho consiste em analisar um caso, acontecimento ou narrativa (entre outros) de um ponto de vista cultural, no âmbito de Estudos Interculturais, complementando e fazendo paralelismos com as matérias dadas em aula.

O tema escolhido foi a análise, não restrita ao título do trabalho, da série *Orange is the New Black* que pode ser vista no canal de streaming Netflix. A dita série é baseada na experiência de Piper Kerman, uma norte-americana que esteve presa durante um pouco mais de um ano devido a tráfico de droga e lavagem de dinheiro. Enquanto presa criou o blog “The Pipe Bomb” para relatar as suas experiências na prisão. A série conta com várias peripécias inspiradas na experiência de Piper Kerman – Piper Chapman na série – e na minha opinião o tema escolhido é totalmente adequado a este projeto, já que é rico em fusão de culturas e etnias, onde são postas em contraste e de onde provêm conflitos que embora sejam condicionados pela vida na prisão, podem muito bem em se traduzir em situações na vida fora das grades.

A minha análise consistirá em fazer uma contextualização da série com um resumo superficial da mesma, apresentar as personagens mais relevantes para ilustrar a correlação entre as suas vidas, comportamentos e relações sociais, com os tópicos estudados acerca da cultura e daí explicar o interesse de serem mencionadas.

Orange is the New Black

Resumo

Piper Chapman é condenada a 15 meses de prisão por no passado ter cometido crimes relacionados com tráfico de droga e lavagem de dinheiro, aliciada pela sua ex-namorada, que fazia parte de uma grande rede internacional relacionada a este negócio, ao qual a irá reencontrar na prisão de Litchfield onde irá cumprir a sua sentença. Tem momentos difíceis de adaptação numa nova realidade completamente diferente da sua – passou de uma vida confortável longe dessas andanças, com um negócio de sabonetes criado com a sua melhor amiga e com noivado marcado com Larry, seu namorado, para um lugar onde irá viver longe dos luxos ao qual já estava habituada, num sistema implantado cheio de regras e normas, sob vigilância constante dos guardas e, claro, rodeada de outras reclusas veteranas com os seus grupos já formados que não deixam Piper Chapman esquecer que ela é a “fresh meat”.

Personagens

A cultura vive das pessoas e das suas ações, portanto irei mencionar algumas personagens neste trabalho que me ajudarão a demonstrar algumas situações que são do interesse para os tópicos abordados durante as aulas:



Piper Chapman, a principal personagem do enredo. Na altura do início da primeira temporada, está noiva do seu namorado Larry, um escritor, e é mostrado ela a render-se à prisão de Litchfield pelos crimes que cometeu no passado com a sua ex-namorada.



Suzanne Warren, conhecida na prisão por “Crazy Eyes”. Teve uma infância difícil em criança e mesmo na sua adolescência ao sofrer de exclusão social devido à sua maneira de ser menos convencional.



Norma Romano não tem falas durante a série, pois é muda, mas não quer dizer que não esteja envolvida em acontecimentos importantes do enredo. Passa de uma “follower” dos outros a ter pessoas a segui-la devido a alguns acontecimentos durante a sua vida que serão explicados mais à frente.



Sam Healy é o conselheiro prisional na prisão de Litchfield. Neste trabalho irá servir de exemplo para a questão da interculturalidade devido às circunstâncias da sua comunicação com a esposa.



Poussey é uma reclusa que muita gente gosta na prisão por ser amigável e bem-humorada com qualquer pessoa independentemente da sua etnia.

A Cultura na Prisão

Ao refletir a partir das definições de cultura ao longo dos séculos, comecei a aperceber-me que a vida na prisão, de uma forma restrita, pode espelhar o que é uma cultura. Começando por definir este termo, cultura, considerado por Raymond Williams como uma das palavras mais difíceis da língua inglesa, podemos ver que sofreu alterações ao longo dos tempos. Nomeadamente, no séc. XVIII, a cultura era encarada como um processo de ideias com um produto final. Já no séc. XIX começou a haver uma consciencialização, por assim dizer, da existência de “cultura” no plural de modo a distinguir as várias culturas tanto de diferentes nações como de diferentes estratos económicos. No séc. XX já são consideradas três definições de cultura em simultâneo:

um processo de desenvolvimento intelectual, espiritual estético, em forma de civilização como objeto de estudo da Antropologia, como trabalhos e práticas especialmente provenientes da atividade artística (arte) e como uma maneira de viver quer seja num grupo ou num período de tempo. Foram estas últimas noções que me fizeram questionar: a vida na prisão poderá, então, ser considerada uma cultura por si mesma?

A prisão é um exemplo de um território – um espaço delimitado por normas culturais. Uma pessoa inserida numa dada cultura, absorve as suas normas e valores e pode sentir-se desconfortável quando se afasta dela e teme que não encontre a mesma partilha dos valores que já adquiriu, fora da sua cultura. E isto porque, no mundo prisional, onde o quotidiano passa a ser vivido sob regras rígidas, impostas e controladas pelos superiores, guardas prisionais – quase que espelha a hierarquia de uma sociedade - com horas das refeições e horas de levantar da cama certa e deveres e direitos, passa, a partir de uma certa altura, a ser a única forma de viver que as reclusas sabem.

Entretanto há pessoas que passam uma grande parte da sua vida dentro da prisão; e muito provavelmente foi-lhes difícil essa transição – vida “normal” para a vida prisional – e exatamente o mesmo pode acontecer quando for a altura da sua libertação, já longe das responsabilidades que a vida de uma pessoa adulta acarreta. Conseguirão voltar facilmente à “realidade”? Conseguirão adaptar-se novamente ao mundo “normal”?

Esta reflexão inicial acerca da cultura na prisão foi inspirada na personagem “Crazy Eyes”, numa cena onde as cercas da prisão foram deixadas equivocadamente abertas por senhores da manutenção. Enquanto a maior parte das reclusas saíram cá para fora para festejar, “Crazy Eyes” perdeu-se na floresta. Os guardas prisionais, já sem esperança de a conseguir encontrar, decidiram parar com as buscas e já a cerca tinha sido retomada. Horas depois, aparece a personagem a implorar para voltar para dentro da prisão.

(“I’m sorry I’m late. Please let me get back in the prison.”)

É uma situação um tanto caricata, pois o que seria de esperar era que fugisse numa oportunidade como esta. Já depois de tanto tempo passado na prisão – ao qual se foi habituando às suas estruturas culturais – nem lhe ocorreu fugir, apenas voltar para onde agora pertence.

E este sentimento de pertença na prisão quando já está de volta nos dormitórios, e está a falar com uma das suas amigas, é confirmado no diálogo:

Taystee: Where have you been?
Crazy Eyes: Sorry. I've been in the forest. I don't know if I'm in trouble or not. (...)
Wow. The beds grew¹.
Taystee: Yeah. Maybe you were better off in the forest.
Crazy Eyes: Oh no. No, no, no, no, no. I don't care. I'm home.

Ainda no conceito de cultura podemos diferenciar entre a cultura de massas e a cultura folclore; a cultura de massas define-se enquanto produtos que se regem por manifestações culturais globalizadas, com o intuito de lucrar com elas, feitas por entidades empresariais, onde não há a participação direta do consumidor a não ser quando consome esses produtos, a cultura folclore é exatamente o contrário. Rege-se por manifestações tradicionais e regionais feitas pela comunidade dessa cultura para elas mesmas sem a procura do lucro. Nesta série as reclusas são vistas a consumir vários produtos de cultura de massas com o intuito de lazer, passar o tempo e quando lhes são proporcionadas essas alturas para a diversão; televisão (especificamente programas de vida selvagem e de culinária) filmes nos dias em que são exibidos na prisão, e música.

No entanto, não há indícios de cultura folclore a não ser que chinelos feitos de pensos higiénicos sejam válidos para tal, pois têm de ser feitos pelas próprias quando não têm crédito para comprar uns na loja da prisão; tal como acontece com a protagonista quando lá chega pela primeira vez e é instruída pelas reclusas mais velhas a remediar-se temporariamente assim.

Os Sistemas de Significados Prisionais

Voltando à questão da prisão como um todo cultural, é de realçar os seus códigos significativos que atuam como símbolos de interpretação, a todas as pessoas envolvidas neste território a que estamos a analisar chamado de prisão. Segundo Raymond Williams, a cultura também envolve e tem como componente os comportamentos normais do dia-a-dia (e não só) resultando num sistema de expressão de significados e ideias que não são apenas obtidas pelas artes e aprendizagens. Existem então alguns elementos chave que fazem parte da vida na prisão não só em Orange is the New Black, como certamente em todas ou pelo menos na maior parte das prisões.

¹ O contexto deste diálogo é que enquanto "Crazy Eyes" andava perdida na floresta, novas reclusas chegaram à prisão e estavam no processo de serem distribuídas nos dormitórios, por falta de espaço, as camas foram transformadas em beliches.

Logo à partida temos as vestimentas tanto das reclusas como da dos guardas prisionais que identifica visualmente quem está preso e quem está a patrulhar. Contudo, em particular na roupa das reclusas, existem diferenças. Quando chegam novas residentes são lhes dadas temporariamente uma farda alaranjada à entrada na prisão, o que até as deixam num estado vulnerável, pois são logo distinguidas como sendo novatas lá dentro² e quem está instalada lá veste a farda definitiva que tem uma cor acinzentada (Fig.1). E claro, quem tem a farda azul, ou mesmo uma vestimenta diferente das reclusas é logo reconhecido como um não recluso.



Figura 1 - As diferentes fardas

Temos também a situação em que sempre que uma sirene toca as reclusas têm de se deitar no chão com a barriga para baixo, pois significa que houve uma falha de segurança, situação de perigo ou confusão.



Figura 2 - Posição que devem assumir após sirene

É um exemplo de situação em que no quotidiano não interpretaríamos da mesma forma em contraste com as pessoas reclusas que vivem diariamente com estes “símbolos” a respeitar.

Isto leva-nos a dois pontos; à questão das estruturas de pensamento, em que como Raymond Williams define, são essenciais para a convivência de pessoas pois partilham certos valores e atitudes, a qual sem elas seria muito complicado comunicarmos – o que neste caso será por exemplo, obedecerem ao sinal da sirene³. E o facto de as estruturas de pensamento estarem relacionadas com o conceito da definição social de cultura, vai de encontro a uma das definições de cultura – uma maneira de viver quer seja num grupo ou num período de tempo.

As Identidades

A Identidade Pessoal no Contexto Social

As nossas características físicas, religiosas, étnicas e/ou as nossas crenças determinam a forma como somos identificados pelos outros e como nos identificamos.

² E eventualmente serão tratadas de forma diferente das reclusas que já lá estão, pois quem está presa há mais tempo pode tirar vantagens da ingenuidade das pessoas que são novas lá dentro, por ainda desconhecerem o sistema e a forma de viver de lá que muitas vezes não se vive, mas sim se sobrevive.

³ E mais importante ainda, num contexto como neste lugar, é necessário que toda a gente fale a mesma “língua” para que haja entendimentos e o seguimento de regras no que toca ao bom funcionamento entre tudo e todos.

No entanto, a identidade que temos a um certo ponto não quer dizer necessariamente que se manterá para o resto da nossa vida. A identidade pode ser moldável tanto por contextos sociais como por razões internas que concerne ao próprio indivíduo. Um caso em *Orange Is The New Black* que é relevante para esta questão é o da Norma Romano; não propriamente de um ponto de vista cultural mas sim de identidade moldável através do contexto social. O flashback da história de vida de Norma durante um episódio, mostra que ela, sendo muda e introvertida, sentia-se perdida, insegura e incompreendida até que um dia encontrou um culto em que o seu líder assegurou-lhe que a compreendia e que nunca teria que precisar de falar com ele, pois ele a entendia mesmo sem ela ter que falar uma palavra. Mais tarde o líder casa com Norma e com muitas mais mulheres que faziam parte do culto; era portanto um casamento poliâmoro. Todas as mulheres eventualmente acabam por o abandonar e apenas Norma continua do seu lado. O líder do culto diz-lhe que ela é doída por ainda continuar com ele e que tudo não passa de uma farsa. Zangada ela atira-o de uma falésia, local onde estavam a conversar, e foi este o motivo pelo qual ela está na prisão.

Essa identidade individual vista como insegura que foi bem recebida pelo líder do culto, tornou-a numa “follower” dele. Esta necessidade dela ao ter que se “colar” a outra pessoa, também se transferiu para a sua vida na prisão. Desde os primeiros episódios que Norma é vista como uma subordinada de Red⁴; sempre atrás dela e a acatar as suas ordens. E, no caso de Norma, embora haja identidades individuais diferentes em relação às pessoas com quem ela se relaciona, resulta bem o binómio de líder/seguidor. Ela como seguidora sente-se segura e a outra pessoa como líder, sente o seu bem-estar ao proteger alguém e a ter alguém por trás de si e das suas ações.

Passando à frente na linha do tempo, depois de alguns acontecimentos que se sucederam, algumas reclusas começaram a acreditar que Norma tem poderes especiais e, daí, é criado um culto entre elas (ao qual mais tarde tentam que seja reconhecido como uma religião) do qual Norma é a líder. É irónico. Provavelmente no contexto social onde estavam inseridas, essa luz de esperança ao verem “milagres” a acontecerem, fez com que essas interações e o modo de como viram alguns acontecimentos a desenrolarem-se, após acharem que a personagem fazia acontecer coisas do outro mundo, levou a ser vista como uma pessoa milagrosa.

No fundo, tudo o que queremos é ter o sentimento de pertença. Estarmos rodeados de pessoas que pensam como nós ou que nos façam sentir bem à beira delas.

Outro caso pertinente e interessante relativo a este tópico, é o modo como a personagem principal, Piper Chapman, se vê e se comporta ao longo da sua estadia na prisão. Há uma enorme diferença entre quando entrou e quando já lá está instalada passado alguns meses. O papel de “novata” que arca com as regras das “veteranas”, das prisioneiras que estão lá há mais tempo, é invertido à medida que o tempo passa.

Vemos no início uma personagem que tenta agradar a toda gente, que quer em qualquer situação agir consoante a sua forma racional de pensar, que leu livros que a pudessem ajudar a lidar com a prisão, para uma pessoa que se define e quer ser

⁴ Red também está a cumprir a sua sentença na prisão de Litchfield e é vista como uma autoridade diante muitas outras reclusas.

reconhecida como “tough” que cria o seu próprio negócio⁵ no nicho dos fetiches com outras prisioneiras e que gosta de incitar o medo nas pessoas e de pensar que todas a respeitam.

Dentro deste contexto social e um tanto cultural, houve uma mudança na forma como Piper se vê a si própria e de como acha que os outros a vêem, ou pelo menos que a deviam ver. Consequentemente o seu comportamento mudou e foi-se moldando ao longo do tempo pelas forças do ambiente onde ela estava inserida, e claro, também com a condicionante das ações das outras pessoas.

As Identidades Coletivas e as Suas Representações Culturais

Em relação ao ponto de vista cultural ainda dentro do tópico das identidades, irei expor um pouco acerca das representações culturais das etnias presentes em *Orange Is The New Black*.

Ao longo da série, é comum ver reclusas de etnias caucasianas, negras e latinas sempre a conviverem em grupos apenas entre si e a existência de tensão com os demais que não fazem parte do seu “clique” mas, claro que ao viverem obrigatoriamente em comunidade com outras pessoas diferentes da sua etnia, dadas as suas circunstâncias, terão de socializar com as outras pessoas. Mas na maior parte das vezes que isso acontece, não são pelas melhores razões pois a grande parte dessas interações mostradas nos episódios são mostradas numa luz negativa. É garantido que esta série vive muito de estereótipos – reduzir grupos de indivíduos a um número de traços característicos de uma forma exagerada – raciais. Muitas vezes as personagens em causa até brincam com isso.

Um caso interessante que ilustra as identidades coletivas e, até, estereótipos na prisão, acontece num episódio em que são feitas as eleições para as WAC (Women’s Advisory Council) e estão a tentar ganhar um lugar como representante.

A transcrição do diálogo é a seguinte:

Piper: So, who are you running against besides Taystee?

Lorna: She don’t count. Black ladies just run against the other black ladies. My competition is Pennsatucky. But it don’t matter, because Red is gonna make all the white girls vote for me.

⁵ Foi aberto um posto de trabalho na prisão onde um grupo de prisioneiras foi selecionado para trabalharem na área fabril. Com os restos dos tecidos que iam sendo deitados fora, Piper Chapman teve a ideia de costurar cuecas. Recrutou várias pessoas para as fazerem e lhas dar para que Piper as pudesse vender, com a ajuda do seu irmão, via online.

Piper: So you're... You only run against white people.

Nicky: You can only vote within your race or your group. Look, just pretend it's the 1950's. It's easier to understand.

Lorna: See, everyone elects a representative from their own tribe.

White, black, hispanic, golden girls, others.

[...]

Piper: But how is that an effective system?

Not every hispanic person wants the same thing.

Lorna: Oh sure they do.

They all want to come to America.

Podemos ver que na visão de uma pessoa, neste caso a Lorna, ela “deita para o mesmo saco” as pessoas com as mesmas características, de forma um pouco racista até ao falar dos hispânicos.

Em relação aos estereótipos, ainda neste mesmo episódio podemos encontrar algumas marcas relativamente a essa questão. Como por exemplo, durante a campanha, é visto uma negra a ganhar uma “battle rap” e ainda no discurso feito para votarem numa delas, é dito:

Taystee: Let's get some motherf*cking fried chicken here once in a while. Yeah I said it.

Poussey: She said it.

Taystee: I'm black.

Poussey: She black.

Taystee: And she black.

Poussey: I'm black!

Taystee: And we like fried chicken!

Uma referência ao estereótipo típico que as pessoas assumem entre negros e frango frito.

A Construção Social de Identidade

A construção social de identidade – expectativas por parte de uma sociedade - dos integrantes dos respetivos grupos, esperam que quem pertença a ele siga as

“regras”. Este conceito anda de mão em mão com os estereótipos que já foram explorados no ponto anterior.

Um exemplo acerca deste tópico é dado quando chegou à prisão a Dayanara, filha de uma das mulheres que está no grupo das latinas, que foi questionada por uma outra mulher desse mesmo grupo sobre o porquê de ela não falar espanhol, em tom de crítica, como se fosse esperado que falasse o idioma espanhol só por ser filha de uma latina.

Ou seja, a construção social de identidade dessa mulher foi moldada a fazê-la ver que todas as latinas teriam que saber falar espanhol. Uma razão provável de o explicar é que em toda a vida dela, no contexto onde cresceu, desconhecia alguém que não fosse “igual” a ela sendo da mesma etnia.

Isto leva conseqüentemente, a estereótipos que podem gerar situações desagradáveis. Quando foi mencionado o programa de culinária no contexto da cultura de massas que as reclusas gostam de ver, a apresentadora/chefe desse programa veio também parar à prisão. Uma das reclusas, a Poussey, era uma enorme fã dela. No entanto, nunca conseguiu articular uma frase quando estava à sua beira, então Soso, o “love interest” de Poussey, fala com a chefe de cozinha para que fale com a sua fã. Já quando estão a conversar, Poussey é vítima de preconceito. Leia-se o diálogo:

Judy King: You have been through a lot.

Poussey: Nah, it was... I mean, it was good. Well, I mean, it was hard you know? Like, I guess, being transient and not really having long term friends, but I do know three languages.

Judy King: Hmm, wait! You know three languages?

Poussey: Yeah.

Judy King: How does the child of a crack whore learn three languages? That is remarkable!

Poussey: Excuse me?

Judy King: What languages?

Poussey: English French and german. Did you just call my mom a crack whore? My mother had a masters in Art History and she could barely take an aspirin. My dad is a major in the army. I guess you just were expecting just another ghetto prison rat. At least one of us lives up to the stereotype.

No entanto, quem na realidade fabricou este preconceito acerca desta personagem, foi a Soso. Como não conhecia a história de vida de Poussey, ela recontou como achava que sabia que era a história de vida de Poussey, e, neste caso, cingiu-se pela ideia que tem das pessoas negras.

Soso: You're right to be upset.

Poussey: How would you know? You don't know anything about me Soso. And what, you think I'm upset about my mom's crack abuse or because I grew up poor, black and uneducated in the urban jungle?

Soso: Okay, I watched The Wire a lot. I made assumptions.

[...]

Poussey: What the f*ck about me besides the colour of my skin would indicate I'm some indigent hood rat?

A Multi e a Interculturalidade

Podemos então afirmar que esta série contém multiculturalidade – no sentido em que existem várias culturas num só espaço, e interculturalidade – em como estas culturas interagem entre si. Para além da óbvia interação e convívio entre as reclusas que provêm de várias culturas, o caso mais específico e interessante na questão de interculturalidade, na série, é o do conselheiro prisional, Sr. Healy, tem uma esposa ucraniana “encomendada” através de sites de namoro online e, por consequência, provavelmente até expectável, não existe nenhuma proximidade emocional entre eles. Por vezes pede a ajuda de Red, uma reclusa russa, para interpretar algumas conversas entre ele e a sua esposa, pois não se entendem. Num certo episódio é sabido que a mulher só está com ele até conseguir o visto na América. (Podemos atrever-nos a opinar que está aqui outro estereótipo de que o parceiro estrangeiro só casa por interesse.)

A interculturalidade é não só a interação entre culturas, mas também a existência de um entendimento por ambas as partes entre si. O Sr. Healy tentou aprender a língua da esposa através de dicionários e programas de aprendizagem, mas não chegava para manter uma conversa. Daí ter havido a necessidade de pedir a intervenção de Red. Este detalhe remete-nos à tradução, mais propriamente interpretação, ao alguém estar a assegurar uma comunicação entre as duas personagens, tentando estabelecer um diálogo sem barreiras ao não deixar a língua e/ou a cultura ser um obstáculo para tal.

Conclusão

Orange Is The New Black é uma boa fonte para analisar aspetos culturais e/ou sociais tanto pela variedade de personalidades e de onde vêm. Tentei tocar e explicar no máximo de tópicos que achei mais apropriados para o efeito e de certa forma, pessoalmente, até foi interessante analisar desta maneira as personagens e perceber que há tanto por trás delas e há tanto por onde observar.

Espero que na apresentação oral tenha a oportunidade de mostrar por via multimédia algumas das cenas que ilustram os exemplos explicados neste trabalho, pois melhor do que tentar recontar é deixar as outras pessoas verem por si próprias e tirarem também as suas próprias conclusões.

Bibliografia

C., Sarmiento. Textos de Apoio.

Piper Kerman (2016). In *Wikipedia*. Retrieved from https://en.wikipedia.org/wiki/Piper_Kerman

Prison “culture” - anthropology & the human condition. (2012). Retrieved from <http://sc2218.wikifoundry.com/page/Prison+'culture'>

01, ogait. (2008, June 13). A importância da Identidade Pessoal no contexto da integração social. Retrieved from <https://dezumdoistres0708.wordpress.com/2008/06/13/a-importanciadaidentidade-pessoal-no-contexto-da-integracao-social/>

BBC (2011, February 7). Multiculturalism: What does it mean? *BBC Magazine*. Retrieved from <http://www.bbc.com/news/magazine-12381027>